



LEITURA

Ainda não é o fim do baile



Juan Luis Cebrián, autor de 'O Pianista no Bordel' e o ex-presidente Lula DIVULGAÇÃO

"O Pianista no Bordel" exorciza as sombras da empolgação digital sobre o jornalismo impresso

SILVIO DEMÉTRIO
EDITOR DO BISS

Frente às transformações impostas pelo mercado globalizado dentro da nova cultura digital, a condição ontológica de músicos e jornalistas é exatamente a mesma hoje. "Ser ou não ser", eis a questão trágica que coloca no mesmo barco músicos e jornalistas. Atropelados pelo bonde da história, ambos sofrem as consequências na própria carne ao se verem subtraídos da essência daquilo que lhes permitia subsistir. Música e informação tem se mostrado commodities falidas ao trafegarem na internet. Ambas as categorias se interrogam sobre o fim de seu futuro. As controversas teses de Fukuyama sobre o fim da história não conseguem sintetizar a envergadura exorbitante das transformações que o novo paradigma digital impõe a quem produz tanto música quanto informação. Se a indústria fonográfica subsiste bem aquém do que já foi um dia, nada se mostra diferente para com a vida engasgada dos jornais. E poucos tem competência e sagacidade para dizer alguma coisa séria e realista sobre o que vai realmente acontecer.

Um dos livros que permitem estabelecer esse comparativo entre a condição de quem produz música e o jornalismo é a coletânea de ensaios "O Pianista no Bordel – Jornalismo, democracia e as novas tecnologias", de Juan Luís Cebrián (Ed. Objetiva). O título do livro é extraído de um ditado popular espanhol: "Não digam a minha mãe

que sou jornalista, prefiro que continue acreditando que toco piano num bordel". Brincadeiras a parte, Cebrián se propõe a entender o rumo e o sentido desse atropelamento histórico que aqui no Brasil serviu de tema para o professor Ciro Marcondes filho (ECA-USP) em seu também imprescindível "A saga dos Cães Perdidos" (Ed. Hacker).

Cebrián é uma das principais figuras de vulto do jornalismo espanhol contemporâneo. Diretor fundador do El País, foi responsável pela criação de um padrão de informação que rapidamente guindou seu jornal à condição de portavoz dos valores que garantiram a transição histórica de uma Espanha franquista a um Estado democrático e progressista. Suas reflexões são desenvolvidas ao longo de dez ensaios que abordam desde a crise no jornalismo disparada pelas novas tecnologias digitais até a sempre pertinente discussão sobre as relações entre as liberdades democráticas e a imprensa.

Um atributo notável de Cebrián é não render-se à facilidade primária do discurso apocalíptico, como também não incorrer em seu oposto, uma apologia da técnica. Sua sensibilidade lhe permite olhar para os demônios interiores da imprensa como se a colocasse sobre um divã. Em seu livro todos aqueles conteúdos latentes e que se sublimam no dia a dia das redações são trazidos à luz com um espírito crítico e ponderado. Finalmente chega aos estudantes de jornalismo no Brasil uma análise séria e iluminadora sobre os destinos do jornalismo frente à atitude simplista com que muitos olham para a Web. Amarradas com a maturidade de quem soube construir um marco na história do melhor jornalismo, as análises de Cebrián demonstram a atitude de quem procura de forma apaixonada acolher as mudanças que são necessárias para que se continue a entender o jornalismo como uma atividade vinculada aos valores democráticos. É leitura obrigatória para quem quer entender o que já aconteceu e o que vai acontecer à imprensa depois da febre do ouro, ou melhor, do silício.

TRECHOS

"A solução de buscar o apoio da rede, como fazem tantos, é uma armadilha, pois repito que um jornal na internet pode ser qualquer coisa, menos um jornal. Trata-se, provavelmente, de algo mais enriquecedor, difuso e ambíguo do que um jornal tradicional, mas não substitui algumas das funções básicas que os jornais tem desempenhado. Entre elas sobressai o fato de que um jornal é, em certa medida, um microcosmos fechado, corresponde a uma maneira de ver as coisas, uma concepção do mundo, uma Weltanschauung (visão de mundo em alemão) determinada, que não pode se reproduzir num universo tão convergente, fragmentado e ambíguo como o da internet".

"Um jornal que sacrifica sua rentabilidade aos fantasmas particulares, às obsessões ou à teimosia de seu diretor está condenado ao fracasso, assim como aquele que se afasta dos comportamentos profissionais básicos, alegando a defesa do lucro. Se as coisas forem bem feitas, é possível gerar um círculo virtuoso e interessante, no qual a independência editorial constitui um valor empresarial em virtude da rentabilidade que proporciona, rentabilidade esta que se transforma, portanto, em garantia explícita de tal independência".

"Um jornal independente não é um jornal asséptico, nem eclético, mas deve ser relativamente imprevisível em suas tomadas de posição. A independência pressupõe, igualmente, a transparência, regra frequentemente esquecida pelos administradores das empresas. A identificação pública dos proprietários dos meios de comunicação é um dado mais que relevante, quando se trata de estabelecer um juízo sobre eles e de avaliar precisamente o significado de suas atitudes. A opacidade conspira contra a credibilidade. O Público tem direito de saber da situação contábil e patrimonial destas

empresas, das cifras objetivas e não manipuladas de difusão e audiência, dos custos gerais das operações, das condições de trabalho dos jornalistas e da evolução dos negócios. Isso é mais importante ainda, se fosse possível, naqueles que são de titularidade pública e que, de ordinário, acabam sendo, paradoxalmente, os mais secretos e obscurantistas".



"O Pianista no Bordel – Jornalismo, democracia e as novas tecnologias", de Juan Luis Cebrián. Ed. Objetiva, 166p. R\$37,00